



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Braga na linha

Nos tempos em que estava vivo, Rubem Braga era completamente avesso a entrevistas. Mas, agora, que está do outro lado da vida, ele apareceu e concedeu uma entrevista mediúnica exclusiva para esta coluna. Fala, Braga!

Quando estava vivo, você não gostava de entrevistas. Por que resolveu aparecer assim, tão abruptamente, me provocando um tremendo susto?

O pior dos mortos é que nunca telefonam. Aparecem sem avisar,

sentam-se numa poltrona e começam a falar. Tocam em assuntos que já deviam estar esquecidos e fazem perguntas demais. Subitamente, fazem silêncio. Esse silêncio conflagrador. O morto tem um ar de queixa e, ao mesmo tempo, um invisível sorriso de superioridade.

Você se orgulha de ser chamado de sabiá da crônica?

Preferia ser um urubu, ave pesada e mais triste.

Em Brasília, só se fala em política. Como definiria essa atividade?

Fazer política é namorar homem.

E como definiria os políticos atuais do Brasil?

Homens públicos sem sentimento

público, homens ricos que são, no fundo, pobres-diabos que não descobriram que a grande vantagem real de ter dinheiro é não ter que pensar, a todo momento, em dinheiro...

O que pensa dos que vendem a alma ao diabo por causa da política, do poder ou do orçamento secreto?

No fundo, talvez não seja um bom negócio vender a alma. A alma, às vezes, faz falta.

Depois de morto, você continua frequentando a cobertura em que morava em Ipanema?

Vivo aqui sozinho. Eu e Deus. Comprei o apartamento, pago o condomínio e Deus não deixa o edifício cair.

Você é tido como caboclo bravo. Isso

é verdade ou é apenas uma proteção para afastar os chatos?

Não sou cangaceiro por motivos geográficos e mesmo por causa do reumatismo.

Ser cangaceiro é uma vocação ou um destino?

Todos os homens pobres do Brasil são lampeãozinhos recalçados.

Que tipo de esnobismo te irrita?

Não há nada mais hipócrita e conflagrador para um homem de bem do que chamar queijo de "fromage" ou "cheese", quando está vendo que é queijo mesmo.

Você continua escrevendo ou se aposentou?

Sou uma máquina de escrever com

algum uso, mas ainda em bom estado de funcionamento.

Como vê as reformas em benefício da indústria nacional?

A indústria nacional, que nunca foi protegida, é a indústria humana, de fazer gente.

Que sinais vislumbra da chegada do verão pela reação das mulheres?

Estremecem-se, de súbito, defrontam um gato; são assaltadas por um remoto desejo de miar; ao cair da tarde, ronronam para si mesmas.

Você costuma assustar os vivos com suas aparições...

Eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis.

Eleitores vão acompanhar o debate do **Correio** de hoje para saber o que os políticos propõem para o DF. Entre os temas mais preocupantes estão a saúde pública e a crise econômica. A sabatina do jornal é tradição desde os anos 1990

Brasilienses de olho nos candidatos

» ANA ISABEL MANSUR
» EDIS HENRIQUE PERES

Em vez de urnas eletrônicas, caixas e cédulas de papel. No lugar da biometria, títulos eleitorais

impressos. A primeira vez em que os brasilienses elegeram um representante para o governo do Distrito Federal, em 3 de outubro de 1990, guarda importantes semelhanças com o pleito de 2022: a participação do **Correio**

Governadores eleitos diretamente pelo voto popular

1990	Joaquim Roriz	(PTR)	2006	José Roberto Arruda	(PL)
1994	Cristovam Buarque	(PT)	2010	Agnelo Queiroz	(PT)
1998	Joaquim Roriz	(MDB)	2014	Rodrigo Rollemberg	(PSB)
2002	Joaquim Roriz	(MDB)	2018	Ibaneis Rocha	(MDB)

como guardião atento da participação democrática. Desde então, o primeiro jornal da capital do país realiza debates, a cada eleição, com os candidatos ao Palácio do Buriti. Neste ano, não poderia ser diferente: hoje, às 20h30, o **Correio** reunirá sete nomes que disputam o mais alto posto do Distrito Federal.

Os ares de novidade das eleições para o GDF não impedem



que os eleitores estejam acostumados a uma tradição — basear a escolha política para os próximos quatro anos nas discussões e nas coberturas jornalísticas promovidas pelo jornal. O programa de hoje será transmitido pelos canais da TV Brasília (6.1 e Net 518) e pelo site e redes sociais do jornal. A edição impressa de amanhã trará aos assinantes os

principais destaques da sabatina. O **Correio** foi às ruas para saber quais temas são mais relevantes para o morador do DF (confira Povo fala).

Mais do que se inteirar das propostas dos políticos, os brasilienses querem conhecer mais sobre os postulantes ao GDF e o que eles propõem para melhorar a vida das pessoas. Entre os candidatos, alguns são recorrentes na política local, mas boa parte é novidade para os eleitores. Dos sete nomes que estarão no debate hoje, quatro têm até 50 anos — Keka Bagno (34), Leandro Grass (37), Rafael Parente (45) e Leila Barros (50). À exceção de Ibaneis Rocha, 51, todos pleiteiam a chefia do Executivo local pela primeira vez. Paulo Octávio tem 72 anos e Izalci Lucas, 66.

POVO FALA

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Thayne Satiro,

28 anos, promotora de vendas, Ceilândia

"Assisto os debates para prestar atenção nas promessas dos candidatos. Porque muitos prometem coisas que não vão cumprir, são bons na hora de falar, mas não realizam o que precisam quando ganham. Para mim, é um momento de escolher quem parece confiável e com compromisso. E eles devem se voltar, principalmente, à saúde, porque essa é a questão mais urgente do DF."

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Cleiton Santos,

47 anos, engraxate, Planaltina

"Nesta eleição, os candidatos têm que se voltar nos debates para a questão da economia, que é o principal tema que deve ser discutido, porque é preciso ter mais oportunidade para as pessoas e menor burocracia. Temos pouco emprego, principalmente para o povo de classe mais baixa, que não consegue portas abertas para se inserir no mercado. Outra coisa é ter mais cursos para a gente."

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Maria de Lourdes Silva,

59 anos, vigilante, São Sebastião

"Busco ver os debates para saber quais candidatos têm propostas coerentes e objetivas para o governo. A questão da troca de farpas que costuma acontecer, por exemplo, acho uma perda de tempo, o candidato deve se preocupar em falar o que ele vai fazer, não em apontar o outro. E no DF, o que está mais sério é a saúde, é uma vergonha as pessoas sofrerem tanto para receber atendimento."

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Abimael Oliveira,

58 anos, teólogo, Setor Militar

"Acompanho os debates para avaliar quais são as boas propostas e decidir qual será o meu candidato, principalmente nesse momento em que é necessário resolver o problema do emprego e abrir mais cursos públicos na capital. Por isso pretendo acompanhar o debate para analisar e ter certeza de quem vai receber o meu voto. Considero que a infraestrutura é outro ponto que deve ser levado em conta."

O CORREIO NAS ELEIÇÕES



Capa com as primeiras eleições para GDF, em 1990



Discussão com ameaças de vias de fato, em 1994



Matéria de 1998 denunciava falta de Roriz à sabatina



Suplemento com cobertura das eleições virou tradição



Campanhas dos candidatos no 2º turno, em 2010



2014: Correio traz trajetória de participação pelas redes



Destaques um dia depois da sabatina de 2018

Os brasilienses exercem o poder do voto desde 1990. Antes, não havia Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) e o governador era indicado diretamente pelo presidente da República. Há 32 anos, o **Correio** caminha lado a lado da cidadania e traz para os eleitores informação com credibilidade para embasar a escolha nas urnas.

O avanço da tecnologia e o aperfeiçoamento dos métodos

eleitorais podem ser acompanhados ao longo das páginas do jornal das últimas três décadas. A capa de 4 de outubro de 1990 estampa os resultados do pleito do dia anterior e destaca, contudo, que os números da boa de urna só seriam confirmados dias depois.

"Na primeira eleição para governador aos 30 anos de Brasília, realizada ontem, Joaquim Roriz teve mais da metade dos votos

válidos, o que assegura sua vitória já no primeiro turno, de acordo com as pesquisas de boca de urna de quatro institutos. As mesmas pesquisas revelaram uma surpresa na reta final da campanha: o aumento de mais de 10 pontos percentuais, nos últimos três dias, do candidato do PT, Carlos Saraiva, que superou o candidato do PDT, Maurício Corrêa. Mesmo em segundo lugar, Saraiva ainda alimentava,

ontem, esperança de um segundo turno. A expectativa é de que até domingo, o TRE divulgue o resultado oficial das eleições em Brasília, que teve ontem um dia tranquilo", anunciava a página do dia.

Quatro anos depois, o **Correio** destacava detalhes tensos: "O último dos debates pela televisão entre os candidatos a governador do DF também foi o mais polêmico. Dentro do estúdio da TV Brasília,

Valmir Campelo (PTB) e o Coronel Ferreira (PSC), passaram perto da agressão física", apontava matéria de 1º de outubro de 1994.

Nas eleições seguintes, o destaque ficou para as ausências no estúdio da TV Brasília. "O ex-governador Joaquim Roriz mandou avisar que não vai comparecer ao debate promovido pelo **Correio Braziliense**. A falta não é novidade. Ele não comparece a nenhum debate nesta campanha", mostrava o texto

de 27 de setembro de 1998.

Em 2006, o **Correio** publicou um caderno especial no dia seguinte ao debate promovido pelo jornal, tradição mantida nas eleições de 2010, 2014 e 2018 e que se repetirá neste ano. Na capa de 2010, era possível acompanhar o desenvolvimento das mídias digitais e das redes sociais, com a chamada "TV, Twitter, videochat e rádio: participação ativa do eleitor". (AIM e EHP)